

INICIAÇÃO NA ÍNDIA

Introdução

NTE, 245 - "Todos os Grandes Iniciados da História marcaram suas obras com o Sopro da Revelação, como diziam na antiguidade; todos tiveram a Graça da Teofania a lhes aureolar a obra missionária; nenhum deles falou em nome de suas pretensões humanas, apenas. E se não fossem as trevas clericais a ensombrar a História, ou a cultura espiritual da humanidade, toda ela saberia dizer coisas maravilhosas, sobre os grandes fenômenos mediúnicos que envolveram e embalsamaram os emissários do Cristo Planetário."

BMNI, Extrato Doutrinário - "A ORDEM QUE FORA TRANSMITIDA — Todos os movimentos de grande alcance, aqueles que fazem mudar a feição do mundo, têm origem nas ordens que emanam do Plano Diretor, atingindo a Humanidade encarnada por meio dos escalões hierárquicos, das ordens inferiores, que a ela se encontram ligadas. A ordem que vem do Alto, naturalmente se estende pelas esferas inferiores, penetra os recantos do mundo astral ligado à crosta e a seguir invade a própria crosta.

Reunidos os Imediatos do Senhor, foi ordenado que se conjugassem os esforços, a fim de que todas as Grandes Revelações se unissem, para se apresentarem como REVELAÇÃO INTEGRAL, tendo por base os três sentidos da Lei, da Matriz dos Livros Sagrados, que são a MORAL, o AMOR e a REVELAÇÃO, a fim que, de ora em diante, toda a carne venha a se integrar nos domínios da Harmonia, do Amor e da Sabedoria."

Bhagavad Gita: "Sempre que o mundo declina em virtude e justiça; sempre que imperam o vício e a injustiça, venho Eu, o Senhor, e apareço no meu mundo em forma visível, nascendo e vivendo como homem entre os homens.

A minha influência e doutrina destroem o mal e a injustiça, e restabelecem a virtude e a justiça. Muitas vezes, já apareci assim, e muitas vezes aparecerei ainda."

1. RAMA (5000 a.C)

Breve resumo da história de Rama

Rama nasceu entre os povos brancos do norte da Europa, em uma época em que se utilizavam ferramentas de uma pedra chamada sílex, mas já faziam uso do cavalo. Eles vivam da caça, em casas de madeira, no meio das florestas. Nessa época, o sacrifício humano era prática comum entre os druidas e o povo aceitava também. Só que aquele culto sanguinário deixava o Rama indignado, pois ele era um jovem doce e sábio, sempre em busca do conhecimento, tanto da espiritualidade, quanto das plantas e da astronomia. Certo dia, o povo de Rama é atingido por uma peste, uma doença que causa manchas na pele, inchaço e feridas.

1º Sonho (meio da Revelação)

Rama adormece ao pé de uma árvore e um espírito que se apresenta como Deva Nahusha mostra para ele uma planta, o visgo, e lhe ensina como preparar um medicamento a partir dela. Ao acordar, Rama segue as instruções e distribui o medicamento aos doentes, levando a cura a todo o povo.

E, isso fez com que Rama ficasse famoso e ele é nomeado chefe dos sacerdotes. Daí a primeira coisa que ele faz é proibir o sacrifício humano. Boa parte dos povos brancos da Cítia festejam o fim dos sacrifícios, mas parte dos druidas e das druidisas fica enfurecida contra o Rama, pois o fim dos sacrifícios significaria menos poder para o sacerdócio. Isso deixa o povo nórdico dividido e a um passo de uma guerra. E, é nesse momento que o espírito chamado Deva Nahusha aparece em sonho pela segunda vez para o Rama, não é mesmo?

2º Sonho

As comunicações mediúnicas são sempre o veículo pelo qual são transmitidas as Verdades Divinas, aí no caso, por meio dos sonhos. Nesse segundo sonho, o espírito mentor mostra para o Rama a imagem de um homem e de uma mulher e diz assim para ele: "Vês este facho? É o fogo sagrado do Espírito divino. Vês esta taça? É a taça da Vida e do Amor. Dá a tocha ao homem e a taça à mulher". Rama faz o que lhe foi ordenado, daí um fogo se acende no altar e o homem e a mulher resplandecem como o esposo divino e a esposa divina.

O sonho é simbólico, a chama e o esposo divino ou eterno masculino representam o **espírito**. Já a beberagem da taça e a esposa divina ou eterno feminino simbolizam a **matéria**. Aqui não tem a ver com homem e mulher, pois ambos são espíritos e fazem uso da matéria. Porém, assim como o esposo e a esposa estão juntos, o espírito e a matéria também **sempre estarão juntos**, desde a Origem, desde a Emissão, até a Sagrada Finalidade, que é o grau Crístico.

O sonho continua, o espírito mentor aponta para o oriente e diz assim: "Tu espalharás minha luz sobre a terra, e sempre virei a teu apelo. Agora, segue teu caminho. Vai!" Assim, ao invés de ficar e provocar uma guerra, Rama começa a sua jornada em direção à Índia e é seguindo por muitos do povo branco.

Jornada para a Índia

Nessa jornada, Rama foi implementando mudanças por onde ele passou. Rama afirmou que a Lei Social, a lei que rege a relação entre as pessoas, deve ser um reflexo da Lei Divina.

GI: "Ram, o primeiro que concebeu a lei social como uma expressão da lei divina, foi um inspirado direto e de primeira ordem."

Ou seja, Rama ensinou um código de conduta. Então, além de acabar com os sacrifícios humanos, ele estabeleceu uma oração que era feita em frente ao fogo (simboliza o espírito, da mesma Essência que Deus é), o marido e a mulher deviam fazer juntos essa oração, em pé de igualdade. Aliás, antes as mulheres eram muitas vezes subjugadas como escravas e Rama atribui um novo status para mulher, que passa a ser não só esposa e mãe, mas também sacerdotisa do lar. Além disso, Rama proíbe o homicídio e a escravidão. Já mais ao fim da jornada, Rama chega à **Índia** e encontra **sacerdotes idólatras e tirânicos**. Por exemplo, havia templos que adoravam serpentes como se fossem deuses e elas eram alimentadas com a carne de prisioneiros. Porém, com grande carisma e autoridade, Rama entra nos templos e só o seu olhar já petrifica os sacerdotes e déspotas e sua fala era contundente. Ainda, Rama produz fenômenos mediúnicos, por exemplo, é relatado que ele faz brotar água no deserto e, em outra ocasião, ele causa uma chuva de granizo de fogo sobre um feiticeiro indiano.

BE, 155: "Na sua guerra contra os povos e os reis djambus, como então se chamavam, Ram, ou Rama segundo os orientais, emprega meios aparentemente miraculosos, porque estão fora do alcance das faculdades ordinárias da humanidade, mas que os grandes iniciados devem ao conhecimento e aperfeiçoamento das forças ocultas na natureza." - G. I.

Em primeiro lugar, entre fenômenos mediúnicos e milagres há uma só diferença - é que os fenômenos mediúnicos sempre existiram e os milagres jamais. Ao que os ignaros chamam milagre, fenômeno sem causa própria, a Verdade proclama como ação de espíritos, através de criaturas dotadas de certas faculdades.

Estas certas faculdades são da natureza do espírito, em combinação com certas influências fisioenergéticas dessas pessoas. Entre os desencarnados, os encarnados, as faculdades mediúnicas e as influências fisioenergéticas é que se processam os fenômenos.

Os grandes iniciados não se fizeram na carne, em uma vida; eles vieram de outras vidas, de realizações antanhas. Os Cristos não se fazem na Terra, de uma feita. No Espaço e no Tempo, nos Mundos e nas Formas, enfrentando Condições e Situações é que eles se forjam. É o destino de todos os filhos de Deus."

Tudo isso causa uma forte impressão sobre os povos da Índia e os reis oferecem a Rama o poder supremo, poder político, temporal. E é nesse contexto que Rama tem o **terceiro sonho** com seu mentor, Deva Nahusha, não é mesmo?

3º Sonho

Aparece uma mulher que se ajoelha e oferece a coroa da Terra ao Rama. Daí, aparece o mentor de Rama, que diz assim: "Se colocardes essa coroa em tua cabeça, a Inteligência divina te deixará, e tu não mais me verás. Se apertares esta mulher em teus braços, ela morrerá por tua felicidade. Se, porém, renunciardes a possuí-la ela viverá feliz e livre sobre a Terra e teu espírito invisível sobre ela reinará. Escolhe: ou atendê-la ou seguir-me".

Lembrem que, na simbologia antiga, a mulher representa a matéria e os reis estavam **oferecendo poder material** para Rama.

BE, 156: "Os reis e os enviados dos povos ofereceram-lhe o poder supremo: ele pede um ano para refletir, e de novo tem um sonho. O Gênio que o inspirava fala-lhe durante o sono." - G. I.

Na grande visão de última hora, ao contrário de Jesus e de outros que a tiveram nas primeiras horas, Rama foi advertido sobre os perigos do Reino do Mundo. É muito bom recomendar tais leituras aos espíritas em geral, mormente aos dirigentes de Casas Espíritas, pois reina entre eles o gosto pelo Espiritismo Tabelado, tipo engarrafado ou feito em pílulas, comportando apenas meia dúzia de sentenças doutrinárias. O que passar disso, dizem que não é Espiritismo.

Entretanto, os textos todos, de todas as Bíblias da Humanidade, provam o fenômeno mediúnico como base de todas as Grandes Revelações. E quem mais sabe, sobre a Restauração do Cristianismo, pode afirmar que atrás de Elias, ou Kardec, o Codificador, estiveram as Legiões do Senhor, os Grandes Iniciados em ação, para que o Espiritismo viesse a constituir a Síntese das Revelações.

Se uma lei tem o direito de reivindicar o Alicerce da Verdade, essa lei é o Mediunismo ou Profetismo. E se alguém quiser apelar para o mesmo Alicerce, ele se mostrará vivo e presente, pronto a dar sempre o seu eterno testemunho."

E, ele entende a mensagem do mentor. Então, Rama reúne os reis da Índia e diz assim:

"Não quero o poder supremo que me ofereceis. Guardai vossas coroas e **observai minha lei**. Minha tarefa terminou. Com meus irmãos iniciados, retiro-me para uma montanha. De lá velarei sobre vós. Vigiai o fogo divino! Se ele chegar a se extinguir, reaparecerei entre vós como juiz e terrível vingador!" (**Cristo Restaurador**)

Depois, já bem velho, Rama pede que seus discípulos não revelem a sua morte, o seu desencarne. E, os reis mantêm aquilo que Rama estabeleceu, por gerações, com medo que ele retornasse.

2. Crisna (3228 a.C)

Contexto histórico

Reis Solares (Pandavas) x Reis Lunares (Curavas)

GI: “As mais antigas tradições falam de uma **dinastia solar** e **outra lunar**. Os reis da dinastia solar pretendiam descender do Sol; os outros se diziam filhos da Lua. Mas esta linguagem simbólica encobria duas concepções religiosas opostas, e significava que as duas categorias de soberanos se ligavam a dois cultos diferentes. O **culto solar** emprestava ao Deus do Universo o sexo masculino. E em torno dele se agrupava tudo o que havia de mais puro na tradição védica: a ciência do fogo sagrado e da oração, a noção esotérica do Deus supremo, o respeito à mulher, o culto dos antepassados, a realeza eletiva e patriarcal. O **culto lunar** atribuía à divindade o sexo feminino, sob cujo signo as religiões do ciclo ariano sempre adoraram a natureza, uma natureza cega, inconsciente, em suas manifestações violentas e terríveis. Esse culto tendia para a idolatria e a magia negra, favorecia a poligamia e a tirania apoiadas nas paixões populares.”

“Nessa luta abundam os combates encarniçados, as aventuras estranhas e intermináveis. No meio da gigantesca epopéia, os Curavas, reis lunares, saem vencedores. Os Pandavas, os nobres filhos do Sol, guardiões dos ritos puros, são destronados e banidos. Exilados, ocultam-se nas florestas, refugiam-se entre os anacoretas, vestidos de casca de árvore e sustentando bastões de eremita.”

Breve história de Crisna

Entre os reis lunares, o mais poderoso era Cansa, casado com a rainha Nisumba, filha do feiticeiro Calaiene, que idolatrava Cali, a deusa dos desejos e da morte.

GI: “(...) Nisumba não concebia, e seu coração se irritava. Invejava as outras mulheres de Cansa, cujos amores haviam sido fecundados. Ela induzia o pai a multiplicar os sacrifícios a Cali, mas seu seio continuava estéril como a areia de um solo tórrido.”

“Então, o rei de Madura ordenou que, diante de toda a cidade, se realizasse o grande sacrifício do fogo e que se invocassem todos os Devas. As mulheres de Cansa e toda a população compareceram em grande pompa.”

“Cansa se aproximou do fogo por sua vez e perguntou ao sacerdote:

– Então dize-me de qual das minhas mulheres nascerá o senhor mundo? Neste momento, Devac, a irmã do rei, acercou-se do fogo. Era uma virgem de coração simples e puro que passara a infância a fiar e a tecer, e que vivia como em um sonho. Seu corpo estava na terra, mas sua alma parecia sempre no céu. Devac ajoelhou-se humildemente, implorando aos Devas que concedessem um filho ao seu irmão e à bela Nisumba. O sacerdote olhou, alternadamente, o fogo e a virgem. De repente, exclamou cheio de espanto: – Oh! rei de Madura, nenhum de teus filhos será o senhor do mundo! Ele nascerá do seio da tua irmã que aqui está.

Foi grande a consternação de Cansa e a cólera de Nisumba ao ouvirem estas palavras. Quando a rainha ficou a sós com o rei, disselhe:

– Devac deve morrer incontinenti.”

O Rei Cansa resiste, mas concorda em matar a própria irmã.

“Todavia, naquela mesma noite, o Pirohita, chefe do sacrifício, viu em sonho o rei Cansa tirando a espada contra sua irmã. Dirigiu-se logo para os aposentos da virgem Devac, anunciou-lhe que um perigo de morte a ameaçava e ordenou-lhe que, sem demora, se refugiasse entre os anacoretas. Devac, instruída pelo sacerdote do fogo, disfarçou-se em penitente e saiu do palácio de Cansa, deixando a cidade de Madura sem que ninguém percebesse.”

Devac, depois de caminhar alguns dias, bosque a dentro, encontra o eremitério dos anacoretas e conhece o seu líder, Vasichita, que diz assim:

“Há muito tempo nós te esperávamos, como a noite espera a aurora. (...) A idade sombria do desejo, do sangue e do crime causou estragos na terra. Então, nós te elegemos para a obra de libertação, e foram os Devas quem te escolheram por nós. Pois é no seio de uma mulher que o raio do esplendor divino deverá receber a forma humana. (...) Esta será a mãe de todos nós. Pois dela nascerá o espírito que deve nos regenerar”.

“Certo dia, Devac mergulhou num êxtase mais profundo, e ouviu uma música celestial, como se fosse uma infinidade de harpas acompanhando vozes divinas. De repente, o céu se abriu em abismos de luz. Milhares de seres resplandecentes a olhavam e, ao clarão de um raio fulgurante, o sol dos sóis, Mahadeva, apareceu-lhe sob forma humana. Então, tendo sido envolta em sombra pelo Espírito dos mundos, ela perdeu a consciência e, num esquecimento do mundo, numa felicidade sem limites, ela concebeu a criança divina.”

Vasichita orienta que Devac se encaminhe ao Monte Meru, para viver entre os pastores e lá dar a luz a Crisna, pois sabia-se que seu irmão Cansa a perseguia.

Crisna nasce e cresce dentro da comunidade de pastores: “O prodigioso filho da mulher desconhecida cresceu entre rebanhos e pastores, sob a vigilância da mãe. Os pastores chamaram-no “o Radiante”, porque somente sua presença, seu sorriso e seus olhos profundos tinham o dom de espalhar alegria.”

Entretanto, Devac desaparece, quando Crisna tinha 15 anos, o que o deixa instrospectivo e o faz vagar pelos bosques por semanas, até que ele se depara com Vasichita e tem o seguinte diálogo:

“– Quem procuras? perguntou enfim o velho.

– Minha mãe.

– Ela não está mais aqui.

- Onde poderei encontrá-la?
- Junto d'Aquele que não muda jamais.
- E como irei encontrá-lo?
- Procura.
- E tu, tornarei a ver-te?
- Sim. Quando a filha da Serpente impelir o filho do Touro ao crime, tu me verás de novo em uma aurora purpúrea.

Então, degolarás o Touro e esmagarás a cabeça da Serpente. Filho de Maadeva, fica sabendo que tu e eu formamos um só com Ele! Procura-O! Procura, procura sempre!

Então o velho estendeu as mãos abençoando-o. Depois voltou-se e caminhou sob os altos cedros na direção do Himavat. Repentinamente pareceu a Krishna que aquela forma majestosa se tornava transparente e depois, tremulando, desapareceu sob o brilho das ramagens pontiagudas, numa vibração luminosa.”

Em seguida, no afã de ver sua mãe, é relatado que Crisna luta com serpentes, touros e outras feras. Inclusive, mata a serpente de Calaiene e ganha certa fama (simbólico).

BE, 165 - “Da mesma forma que a terra suporta os que a calcam aos pés, e lhe dilaceram o seio, lavrando-a, da mesma maneira nós devemos retribuir o mal com o bem. O homem honesto deve tombar sob os golpes dos maus, como a árvore do sândalo, que, ao abater-se, perfuma o machado que a destruiu...” - G. I.

Muita gente pensa, lendo ao pé da letra, que Crisna foi um matador de gentes e de feras. Tudo ali é simbólico, é figurado, tendo sido ele um matador de vícios e de erros...

Como o fito desta obrinha é estimular o estudo do Profetismo Histórico, a fim de o Espiritismo surtir como Extrato do Profetismo, diremos apenas que foi e é glorioso, o Excelso Espírito que soube e pôde repetir o Sermão da Montanha, de modos diferentes. Sempre, porém, com o mesmo celestial sentido de Renúncia.”

Para o Rei Cansa, sua irmã Devac vivia entre os anacoretas. Por isso, ele os perseguia de morte. Assim, Vasichita, já centenário, se dirige ao palácio de Cansa e diz:

“Cansa, rei de Madura, desgraçado de ti, filho do Touro, pois persegues os solitários da floresta santa! Desgraçada de ti, filha da Serpente, porque insuflas o ódio. Aproxima-se o dia do vosso castigo. Sabei que o filho de Devac está vivo.(...) De hoje em diante, tremei e vivei no pavor. Este é o castigo que os Devas vos destinam!”

É relatado que Cansa não sabia que ele era filho de Devac, então manda chamar Crisna, para conduzir sua carruagem, na perseguição de Vasichita, com intuito de matar o sábio centenário. Crisna pensa que Cansa poderia ser “aquele que não muda jamais” e atende ao chamado. Eles adentram a floresta, em busca de Vasichita. Crisna foi à frente e encontra o sábio e o reconhece como aquele “velho sublime”. Então, ajoelha-se diante dele. A seguir, quando Cansa chega até a cabana de Vasichita, ele diz assim:

“– Rei de Madura, vens aqui para matar-me. Salve! Pois tu vais me libertar da miséria deste corpo. Queres saber onde está o filho de tua irmã, Devac, que deve destroná-lo? Ei-lo, curvado diante de mim e diante de Maadeva. É Krishna, teu próprio condutor!” (GI)

GI: “Cansa, estupefato, escutava. Não ousava olhar o velho face a face. Lívido de raiva e vendo Krishna sempre de joelhos, tomou o arco e, estendendo-o com toda a sua força, desfechou uma flecha contra o filho de Devac. Mas o braço tremera, o golpe desviou-se e a flecha penetrou no peito de Vasichita, que, com os braços cruzados, parecia esperar em êxtase.”

GI: “Então, um clarão cortou o céu negro e Krishna caiu por terra, como que fulminado sob a luz ofuscante. Enquanto seu corpo permanecia insensível, sua alma, unida à do velho pelo poder da simpatia, elevou-se nos espaços. A Terra, com seus rios, seus mares e seus continentes, desapareceu como uma esfera negra, e todos os dois subiram ao sétimo céu dos Devas, para junto do Pai dos seres, o sol dos sóis, Maadeva, a inteligência divina. Mergulharam num oceano de luz que se abria diante deles. No centro da esfera, Krishna viu Devac, sua radiante mãe, glorificada. Com um sorriso inefável, ela estendia-lhe os braços e o atraía para si. Milhares de Devas vinham aquecer-se na irradiação da Virgem-Mãe, como em um foco incandescente. E Krishna sentiu-se absorvido pelo olhar de amor de Devac. Então, do coração da mãe radiosa, o seu ser resplandeceu através de todos os céus. Sentiu que era o Filho, a alma divina de todos os seres., a Palavra da vida, o Verbo criador. (...)

Krishna ergueu-se como se tivesse ressuscitado. Um abismo o separava do mundo e de suas vãs aparências. Ele vivera a grande verdade e tinha compreendido sua missão.”

GI: “Em seguida, Krishna se retirou para o monte Meru, a fim de lá meditar em sua doutrina e no caminho da salvação para os homens. Suas meditações e penitências duraram sete anos. Só então sentiu que sua natureza fora dominada por sua natureza divina, e que estava suficientemente identificado com o sol de Maadeva, para merecer o nome de filho de Deus. Somente então chamou para junto de si os anacoretas, jovens e velhos, a fim de revelar-lhes sua doutrina. Eles encontraram Krishna purificado e engrandecido. O herói transformara-se em santo. Não perdera a força dos leões, mas adquirira a doçura das pombas. Entre os que acorreram primeiro, encontrava-se Ardjuna, descendente dos reis solitários, um dos Pandavas destronados pelos Curavas ou reis lunares.”

GI: “(Crisna) – Vossos olhos não estavam abertos. Eu vos revelei o grande segredo. E vós só deveis transmitir àqueles que podem compreendê-lo. Sois meus eleitos e vedes o fim; mas a multidão vê apenas um trecho do caminho. E, agora, vamos pregar ao povo o caminho da salvação.”

A Doutrina do Caminho

GI: “(Ardjuna) Mas, ensina-nos, oh! Senhor da vida! se para aquele que demanda a sabedoria, os renascimentos

perpétuos um dia chegam ao fim. (...)

Eis o caminho da salvação: uma vez que tiveres percebido o ser perfeito que está acima do mundo e em ti mesmo, determina-te a abandonar o inimigo que toma a força do desejo. Dominai vossas paixões. Os prazeres que os sentidos obtêm são matrizes de penas futuras. Não somente fazei o bem, mas sede bons. Que o motivo esteja na ação e não nos frutos. Renunciad ao fruto de vossas obras, mas que cada uma de vossas ações seja como uma oferenda ao Ser supremo. Aquele que fizer o sacrifício de seus desejos e de suas obras ao Ser do qual procedem todas as coisas, e por quem foi formado o Universo, obtém por meio desse sacrifício a perfeição. Unido espiritualmente, atinge aquela sabedoria espiritual que está acima do culto das oferendas e sente uma felicidade divina. Pois aquele que encontra em si mesmo a sua felicidade, sua alegria e também sua luz, é uno com Deus.”

GI: “(Crisna) Os males com que afligimos nosso próximo perseguir-nos-ão assim como nossa sombra segue nosso corpo. – As ações que têm por princípio o amor ao semelhante são as que devem ser ambicionadas pelo justo, pois serão elas que pesarão mais na balança celeste. – Se frequentas os bons, teus exemplos serão inúteis; não temas viver entre os maus para reconduzi-los ao bem. – O homem virtuoso é semelhante ao castanheiro gigante, cuja sombra benfazeja dá às plantas que o rodeiam o frescor da vida.”

GI: “(Crisna) “Assim como a terra suporta aqueles que a pisam e dilaceram suas entranhas, lavrando o seu solo, assim também devemos retribuir o mal com o bem. – O homem honesto deve cair sob o golpe dos maus como a árvore de sândalo, que, ao ser abatida, perfuma o machado que a feriu.”

A Doutrina do Verbo Divino

BE, 91 *“Se nos céus se acendesse ao mesmo tempo o esplendor de mil sóis, disse Crisna, ele apenas se assemelharia ao esplendor do Todo Poderoso Único.” - G. I.*

“Mestre, as tuas palavras enchem-nos de espanto, e nós não podemos sustentar a vista do Grande Ser que tu evocas aos nossos olhos. Ele fulmina-nos!” - G. I.

“Escutai o que ele vos diz pela minha boca: eu e vós, todos nós havemos tido várias encarnações. As minhas só de mim mesmo são conhecidas; mas vós nem as vossas conheceis. Ainda que eu não esteja, pela minha natureza, sujeito a renascer ou a morrer, e que seja o Senhor de todas as criaturas, no entanto, como sou eu que dirijo a minha natureza, torno-me visível pelo meu próprio poder, e sempre que a virtude decline no mundo e que o vício e a injustiça a vençam, eu me tornarei visível, e me mostrarei de idade em idade, para a salvação do justo, destruição do malévolo e restabelecimento da virtude” - G. I.

“E, entretanto, ide, ide pregar ao povo a via de salvação” - G. I.

“A ciência do homem não é mais que vaidade; todas as suas boas ações são ilusórias, desde que ele não saiba referi-las a Deus. Aquele que é humilde de coração e de espírito é amado de Deus; e não tem necessidade doutra coisa. Só o infinito e o espaço podem compreender o infinito; só Deus pode compreender Deus” - G. I.

A Doutrina do Filho Verbo ou do Verbo Luz vem de muitas dezenas de milhares de anos; as tradições indianas perdem-se na noite dos milênios remotíssimos; e, todavia, quer seja através do Védico-Budismo, quer seja através de Rama e de Crisna, quer seja através dos Hermes, dos Zoroastros, de Apolo, de Moisés, de Pitágoras, etc., em todas as Doutrinas Reveladas esplende a Verdade Crística, fulgura a Sabedoria, canta o Amor e tem marca fundamental a evolução das almas, até atingir a união com o Sagrado Princípio Criador.

De tal modo a alma do Cristianismo viveu sempre em todos os Grandes Reveladores do passado, que os estudiosos são obrigados a afirmar a Encarnação do Verbo algumas vezes, ou a sentenciar que o Cristo Planetário andou falando pela boca de alguns Seus Enviados, também algumas vezes. Porque, afora a função missionária de Jesus, que era Batizar em Revelação, e a Sua Ressurreição em Espírito, a fim de revelar cabalmente a finalidade gloriosa do Espírito, tudo o mais que se queira, em Doutrina, já estava revelado desde muito antes de Jesus vir ao plano carnal.

Convém ressaltar aqui, com todo o respeito que a realidade exige, o fato de vir Jesus para derramar do Espírito sobre a carne, e de dizer que só o faria depois de ser crucificado, ao retornar em Espírito, como de fato aconteceu. Ninguém poderia, de modo algum, tomar a Jesus este supremo galardão!

Lendo os capítulos quatorze, quinze e dezesseis de João, serão encontrados os textos que se referem ao que iria acontecer depois da crucificação; lendo os capítulos um, dois, sete, dez e dezenove dos Atos, serão encontrados os textos que explicam o que realmente aconteceu, sobre o Consolador, depois da crucificação e do retorno do Espírito de Jesus.

Quanto ao corpo de Jesus, Daquele que tinha o Espírito de dons e sinais fora de medidas terrestres; ou que fora Médium Completo; ou Perfeito Intérprete da Vontade de Deus, nem precisava de ressurgir como carne nem tão pouco de fazê-lo sumir de outro modo. A ação mediúcnica, como se diz agora dos dons espirituais, explica isso. Ademais, tendo recorrido a possibilidades mediúnicas, e lançado mão de recursos psicométricos, tudo foi revivido perfeitamente e várias vezes. Seria insensatez reproduzir tais fatos para o vulgo, ou mesmo citá-los; quem for tendo possibilidades, que faça experiências com a devida santidade de intenção, que a Verdade a ninguém deixará órfão. A Verdade jamais se desmente!”

Mateus, 17:

“1 Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, a Tiago e a João, irmão deste, e os conduziu à parte a um alto monte;

2 e foi transfigurado diante deles; o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas

como a luz.

3 E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele.

4 Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, farei aqui três cabanas, uma para ti, outra para Moisés, e outra para Elias.

5 Estando ele ainda a falar, eis que uma nuvem luminosa os cobriu; e dela saiu uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi.

6 Os discípulos, ouvindo isso, caíram com o rosto em terra, e ficaram grandemente atemorizados.

7 Chegou-se, pois, Jesus e, tocando-os, disse: Levantai-vos e não temais.

8 E, erguendo eles os olhos, não viram a ninguém senão a Jesus somente.

9 Enquanto desciam do monte, Jesus lhes ordenou: A ninguém conteis a visão, até que o Filho do homem seja levantado dentre os mortos.”

A Vitória dos Reis Solares

Cansa insitiu em enviar soldados, para prender Crisna, mas ele os encantava com seus ensinamentos e eles desistiam de prendê-lo, alguns até se tornavam discípulos de Crisna.

Certo dia, Crisna reúne seus discípulos e muito anacoretas e parte para o palácio de Cansa e o destrona, sem qualquer resistência dos soldados.

GI: “(Crisna) – Tu tens reinado apenas por meio da violência e do mal, e mereceste mil mortes, pois mataste o santo velho, Vasichita. Contudo, não morrerás ainda. Quero provar ao mundo que não é matando-os que se triunfa sobre os inimigos vencidos, mas perdoando-lhes.”

GI: “Depois desses acontecimentos, Krishna, com o consentimento dos grandes do reino e do povo, consagrou Ardjuna, seu discípulo, o mais ilustre descendente da raça solar, como rei de Madura. Conferiu autoridade superior aos brâmanes, tornando-os conselheiros de reis. Ele próprio ficou como chefe dos anacoretas, que formaram o conselho superior dos brâmanes.”

Os reis lunares não aceitam aquela situação e arregimentam exército para lutar contra os reis solares, agora sob o comando de Ardjuna.

GI: “Do mesmo modo que o santo Vasichita fora morto atravessado por uma flexa, para revelar a verdade suprema a Krishna, também Krishna deveria morrer voluntariamente sob as setas do inimigo mortal, a fim de implantar no coração dos adversários a fé que ele havia pregado a seus discípulos e ao mundo.”

Cansa, agora abrigado por Calaiene – pai de sua esposa Nisumba –, contrata arqueiros para assassinar Crisna.

GI: “À primeira flecha que o traspassou, o sangue jorrou e Krishna clamou:

– Vasichita, os filhos do sol estão vitoriosos!

Quando a segunda flecha vibrou em sua carne, ele disse:

– Mãe radiosa, que entrem comigo em tua luz aqueles que me amam!

À terceira flecha, ele disse somente: “Maadeva!” E depois, murmurando o nome de Brama, entregou seu espírito.”

3. Sidarta Gautama Buda (século VI a.C.)

Índia na época de Gautama Buda

GI: “Entregue às lutas internas e às intrigas de harém, afeminados seus reis pela poligamia, deslizava sua vida entre o luxo e a indolência, enquanto o povo se abastardava pela expansão das raças inferiores. Diante dos templos de Siva, os faquires fanáticos, caricaturas dos verdadeiros ascetas, entregavam-se a odiosas mortificações sob o pretexto de alcançarem a santidade. As sagradas virgens, as devasis, que sempre figuraram nos templos de Brama e de Vishnu, opunham-se agora as sacerdotisas de Kali. Com olhares mais ardentes do que tochas inflamadas, olhos onde brilhava a sede inextinguível de volúpia e de morte, atraíam os fiéis fascinados aos seus templos tenebrosos. Os párias se entregavam também aos prazeres mais vis, a fim de esquecerem suas dores e o jugo da escravidão. Do fundo desta sociedade subiam lamentos mesclados aos gritos de alegria selvagem com os miasmas do vício e o alento de paixões destruidoras, ameaçando suas virtudes seculares e suas conquistas espirituais.” (bramanes mantinha em segredo – esoterismo).

“Nos Upanichades (tradição verbal) há elevados pensamentos de admiráveis profundidades, mas percebe-se neles o desalento, o desdém, indiferença. A força de buscarem a união com Atma, o Espírito puro, os brâmanes esqueceram, em sua egoísta contemplação, o mundo e os homens “

Sidarta Gautama

Filho do rei dos Sakias (Sakia-Muni), Sudodana.

“Ante o altar doméstico onde ardia o fogo de Agni, o menino foi consagrado a Brama.”

“Gautama passou sua infância no luxo e na ociosidade. Tudo lhe sorria no suntuoso jardim de seu pai: os bosquezinhos de roseiras, os lagos artificiais repletos de lótus, as gazelas familiares, os antílopes domesticados e as aves de múltiplas plumagens, sacudindo-se à sombra das ramagens das asokas e das mangueiras. Mas nada conseguia dissipar a noite precoce que toldava o seu semblante, nada podia acalmar a inquietude do seu coração. Era daqueles que quase não falam porque pensam muito.

Duas coisas o diferenciavam do resto dos homens, afastando-o dos seus semelhantes como que por um abismo profundo: de um lado, a piedade sem limites; de outro, a busca ansiosa do porquê das coisas.

Uma pomba desgarrada por um gavião, um cão expirando por causa da mordida de uma serpente, enchiam-no de horror. ”

Reflexivo: “Por que Brama criou este mundo cheio de espantosas dores e de insensatos gozos? Que aspiravam, para onde iam todos aqueles seres?”

“Seguindo o costume, Gautama uniu-se em matrimônio e recebeu de sua esposa um filho chamado Raúla. Este acontecimento não logrou dissipar-lhe as dúvidas nem modificar-lhe o curso dos pensamentos.”

Renúncia à vida de príncipe: “A lenda juntou em um único episódio as sensações que conduziram Gautama ao seu passo mais decisivo. Conta que, durante um passeio, encontrou um ancião, um enfermo e um morto. O aspecto daquele corpo trôpego e decrépito, daquele infecto coberto de úlceras e daquele cadáver em decomposição, produziram sobre ele o efeito de um raio, revelando-lhe o fim inevitável de toda a vida e o mais negro abismo da miséria humana. E então resolveu renunciar à coroa e abandonar para sempre seu palácio, sua família e seu filho, para consagrar-se à vida ascética.”

“Contava Gautama 29 anos quando decidiu abandonar definitivamente o palácio do seu pai, rompendo todos os laços com a vida passada para ir buscar a liberdade na solidão e a verdade na meditação.”

A Busca da Verdade

- Procurou mestres Brâmanes, mas seus questionamentos não são satisfeitos.
- Viveu entre os ascetas (jainos), mas concluiu que as mortificações eram inúteis.
- Decidiu pela meditação.

Meditou por 7 anos, até que obteve a revelação por meio de 4 sonhos, em 4 noites (noites de êxtase):

> Primeira noite: entrou na morada dos desejos (Kama-Loka): “No princípio, assaltavam-no todas as espécies de animais, serpentes e bestas ferozes. Sua alma lúcida compreendeu que aquilo eram as suas próprias paixões de vidas anteriores, exteriorizadas e vitalizadas ainda no fundo de sua alma. Sob o escudo de sua vontade, iam-se dissipando à medida que ele avançava sobre elas.”

“Via os criminosos, torturados pelo suplício que lhes haviam infligido, sofrerem-no outra vez, indefinidamente, até que o horror do crime cometido matasse a vontade culpada, até que as lágrimas do assassino lavassem o sangue da vítima. Essa lúgubre região era verdadeiramente um inferno agitando-se na fogueira de um desejo impossível de sufocar nas trevas angustiosas do vácuo gelado.”

> Segunda noite: “Durante a segunda noite, penetrou o ermitão no mundo das almas venturosas. Ante seus olhos fechados desfilaram países flutuantes, ilhas aéreas. Jardins encantados onde as árvores e as flores, as aves, o céu e o ar perfumado, as estrelas e as nuvens, transparentes como véus, pareciam acariciar a alma e modular com

habilidade a linguagem do amor, condensando em significativa forma a expressão de humanos pensamentos ou de divinos símbolos “

“Então, apercebeu-se que cada uma daquelas almas se achava unida ao mundo inferior por um fio tênue. Esta rede de filamentos descia até o fundo através de uma nuvem púrpura que a sustentava no abismo. “

“E Gautama compreendeu o sentido de sua visão. Aqueles laços sutis eram vínculos indestrutíveis, restos de paixões humanas, de inextinguíveis desejos que ligavam aquelas almas felizes à terra, forçando-as, cedo ou tarde, a novas encarnações. “

> Terceira noite: “Na terceira noite, alçou-se, graças a um esforço poderoso, ao mundo dos deuses. Foi, aquele, um sonho inenarrável, um sublime panorama de inefável grandeza. Viu antes de tudo os Arquétipos luminosos que irradiavam, no umbral do mundo dos Devas, círculos, triângulos, astros cintilantes, modelos do mundo material. Seguidamente apareceram diante dele as forças cósmicas, os deuses carentes de imutável forma, mas que agiam, multifformes, nas veias do mundo.”

“Então o universo inteiro apareceu a Sakia-Muni como uma roda espantosa à qual estão sujeitos todos os seres, os homens e os deuses. Não havia meios de escapar à lei inevitável que faz girar a roda. De vida em vida, de encarnação em encarnação, imperturbavelmente, todos os seres voltam sempre a começar em vão idêntica aventura, sendo triturados sem piedade pela dor e pela morte.”

“Antes da quarta noite, Sakia-Muni, esmagado pela angústia, invocou o Inominado, o Imanifesto, Aquele que o claridente não percebe, para que lhe revelasse o mistério da felicidade e do descanso eterno.”

> Quarta noite: “Ao adormecer, viu de novo a terrível roda da existência, como um círculo de sombra povoado por formigueiros humanos. A roda infatigável dá voltas lentamente. Aqui e ali, alguns valentes lutadores, ascetas, sublimes, passavam do círculo sombrio ao halo luminoso que os rodeava. Eram os sábios ascetas, os Bodisatvas que o haviam precedido. Porém, nenhum deles havia conseguido a salvação verdadeira, o repouso definitivo. Todos caíam de novo no círculo de sombras, a todos subjugava a roda fatal.

“Então, Sakia-Muni experimentou a maior de suas dores, o enfraquecimento de todo o seu ser, ao decompor-se o mundo das aparências. Mas a esse dilaceramento supremo sucedeu uma inefável felicidade. Sentiu-se submerso em um mar profundo de quietude e paz. Ali não havia formas, nem luz, nem rumores de vida. Seu ser fundiu-se deliciosamente na adormecida alma do mundo que nenhum sopro agitava e sua consciência desvaneceu naquela imensidão venturosa. Havia alcançado o Nirvana.”

“Todo ele, da medula dos seus ossos ao absoluto de sua alma, havia se transformado em Buda, o Desperto. A verdade conquistada, quis salvar o mundo. Passou muitos dias refletindo sobre as experiências vividas. E apercebeu-se da lógica secreta que unia entre si as visões aparecidas.

> O resultado da sua reflexão é a sua doutrina (Revelação).

“Desejava o Buda que todos os homens alcançassem o Nirvana. Sabedor do quanto tinha a dizer aos brâmanes e ao povo. Sakia-Muni abandonou seu retiro para voltar a Benarés (Varanasi) e propagar a sua doutrina.”

EE, Cap. 5: “Grau Crístico, da Unidade Vibratória ou do Nirvana”.

A Doutrina e a sua divulgação.

“Logo a multidão afluíu. Por ele, alunos deixaram seus mestres. Reis e rainhas chegavam na garupa de seus elefantes para admirar o santo e oferecer-lhe sua amizade.”

“A pregação de Buda durou quarenta anos, sem que os brâmanes opusessem o menor obstáculo.”

Escrituras em Pali (Gautama não deixou escrito – Sermão de Benarés) <<http://www.acessoainsight.net>>

– As Quatro Nobres Verdades

– Sofrimento: “nascimento é sofrimento, envelhecimento é sofrimento, enfermidade é sofrimento, morte é sofrimento; tristeza, lamentação, dor, angústia e desespero são sofrimento; a união com aquilo que é desprazeroso é sofrimento; a separação daquilo que é prazeroso é sofrimento; não obter o que se deseja é sofrimento; em resumo, os cinco agregados influenciados pelo apego são sofrimento.”

– Origem do Sofrimento: “é este desejo que conduz a uma renovada existência, acompanhado pela cobiça e pelo prazer, buscando o prazer aqui e ali; isto é, o desejo pelos prazeres sensuais, o desejo por ser/existir, o desejo por não ser/existir.”

– Cessação do Sofrimento: “é o desaparecimento e cessação sem deixar vestígios daquele mesmo desejo, abrir mão, descartar, libertar-se, despegar desse mesmo desejo.” (desapego)

– Caminho que conduz à cessação do sofrimento: “é este Nobre Caminho Óctuplo: entendimento correto, pensamento correto, linguagem correta, ação correta, modo de vida correto, esforço correto, atenção plena correta, concentração correta.”

> Caminho Óctuplo:

Entendimento correto: Compreensão do sofrimento, compreensão da origem do sofrimento, compreensão da cessação do sofrimento, compreensão do caminho da prática que conduz à cessação do sofrimento. A isto se chama entendimento correto."

Pensamento correto: "O pensamento da renúncia, de estar livre da má vontade e de estar livre da crueldade. A isto se chama pensamento correto."

Linguagem correta: "Abster-se da linguagem mentirosa, da linguagem maliciosa, da linguagem grosseira e da linguagem frívola. A isto se chama linguagem correta."

Ação correta: "Abster-se de destruir a vida, abster-se de tomar aquilo que não for dado, abster-se da conduta sexual imprópria. A isto se chama de ação correta."

Modo de vida correto: "Aqui um nobre discípulo, tendo abandonado o modo de vida incorreto, obtém o seu sustento através do modo de vida correto. A isto se chama modo de vida correto." **Incorreto:** "Negociar com armas, seres humanos, carne, embriagantes e venenos"

Esforço correto: "Ele gera desejo para que surjam estados benéficos que ainda não surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. (iv) Ele gera desejo para a continuidade, o não desaparecimento, o fortalecimento, o incremento e a realização através do desenvolvimento de estados benéficos que já surgiram e ele se aplica, estimula a sua energia, empenha a sua mente e se esforça. A isto se denomina esforço correto."

Atenção plena correta: "(i) Aqui, bhikkhus, um bhikkhu permanece contemplando o corpo como um corpo - ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. (ii) Ele permanece contemplando as sensações como sensações - ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. (iii) Ele permanece contemplando a mente como mente - ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. (iv) Ele permanece contemplando os objetos mentais como objetos mentais - ardente, plenamente consciente e com atenção plena, tendo colocado de lado a cobiça e o desprazer pelo mundo. A isto se denomina atenção plena correta."

Concentração correta: "(i) Aqui, bhikkhus, um bhikkhu afastado dos prazeres sensuais, afastado das qualidades não hábeis, entra e permanece no primeiro jhana, que é caracterizado pelo pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos do afastamento. (ii) Abandonando o pensamento aplicado e sustentado, um bhikkhu entra e permanece no segundo jhana, que é caracterizado pela segurança interna e perfeita unicidade da mente, sem o pensamento aplicado e sustentado, com o êxtase e felicidade nascidos da concentração. (iii) Abandonando o êxtase, um bhikkhu entra e permanece no terceiro jhana que é caracterizado pela felicidade sem o êxtase, acompanhada pela atenção plena, plena consciência e equanimidade, acerca do qual os nobres declaram: 'Ele permanece numa estada feliz, equânime e plenamente atento.' (iv) Com o completo desaparecimento da felicidade, um bhikkhu entra e permanece no quarto jhana, que possui nem felicidade nem sofrimento, com a atenção plena e a equanimidade purificadas. A isto se denomina concentração correta."

"Enfim, Buda foi, pela ternura de sua alma, o verdadeiro criador da religião da piedade e o inspirador de uma nova poesia que emana das parábolas a ele atribuídas e das posteriores lendas do budismo"

Gautama ensinava abertamente a **Doutrina da Reencarnação** (Brâmanes mantinham em segredo): "Após a morte, liberada a alma de sua efêmera crisálida, vive uma nova vida, mais vasta no esplendor espiritual. Retorna, de certo modo, à sua própria pátria e contempla o mundo do lado da luz e dos deuses, depois de haver atuado em sua fase humana e sombria. Mas ainda não está bastante adiantada para permanecer naquele estado que todas as religiões chamam de céu. Transcorrido um período de tempo proporcional a seu esforço na terra, sente a alma a necessidade de uma nova experiência para avançar um passo além. E volta à reencarnação em condições determinadas pela vida precedente. Tal é a lei do Karma ou de encadeamento causal das vidas, sanção e consequência da liberdade, justiça e lógica do prazer e da desdita, razão da desigualdade de condições, organização dos destinos individuais, ritmo da alma que anseia retornar à sua divina origem através do infinito. É a concepção orgânica da imortalidade em harmonia com as leis do Cosmos."

Desfecho da missão

"Com a idade de oitenta anos encontrava-se Buda em Beluva, passando suas férias de verão, quando caiu doente e sentiu a morte próxima."

Ananda, seu discípulo mais próximo pergunta se Buda gostaria de comunicar seu desejo à comunidade de discípulos. Gautama responde:

"Eu preguei a doutrina. Não quero reinar sobre a comunidade, Ananda. Que a verdade seja a vossa tocha. Aquele que agora e depois da minha morte seja o seu próprio farol e seu único refúgio, aquele que não busque abrigo senão na verdade e que trilhe o reto caminho, este é meu discípulo."

Ao notar Ananda triste, Gautama diz: "Não lamenteis, Ananda. Eu já não te disse que é preciso abandonar aquilo que amamos? Como pode escapar à destruição quem nasceu e se acha sujeito ao efêmero? Porém, durante muito tempo, Ananda, honraste o Perfeito, e em seu nome transbordaste de amor, de bondade, de júbilo, desprovido sempre de falsidade em pensamentos, palavras e atos. Praticaste o bem, Ananda. Esforça-te agora e logo estarás livre do

pecado."

Buda: "Talvez tenhas este pensamento, Ananda: a palavra perdeu o seu Mestre, não teremos mais Mestre. Não penseis assim. A Doutrina e a Ordem que vos ensinei serão o vosso mestre quando eu houver partido."

Suas últimas palavras foram: "Coragem, meus discípulos. Tudo o quanto sobrevenha, será perecível. Lutai sem esmorecimento!"

"Chegaram então as mulheres de Jusinara, que tinham ficado sempre afastadas do Mestre, e suplicaram para ver o Bem-aventurado. Ananda concedeu o favor, apesar dos protestos dos demais. Ajoelharam-se elas junto ao cadáver e, inclinadas e soluçantes, inundaram de ardentes lágrimas a face gelada do Mestre que em vida as afastara de sua presença."